

AMAZÔNIA

Polícia Federal diz ter encontrado restos mortais enterrados e enviado para perícia para saber se são de Bruno Pereira e Dom Phillips, que teriam sido mortos a tiros e esquartejados

PF: PESCADOR CONFESSOU ENVOLVIMENTO NO CRIME

Brasília - O superintendente da Polícia Federal (PF) no Amazonas, Alexandre Fontes, confirmou, em entrevista coletiva ontem à noite, em Manaus, que o pescador Amarildo da Costa Oliveira, de 41 anos, conhecido como 'Pelado', confessou envolvimento no assassinato do indigenista Bruno Araújo Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips. Amarildo está preso e levou agentes federais ao local onde os corpos foram enterrados, no Vale do Javari. Os restos mortais foram encontrados a 3,1 quilômetros de distância, em local de mata fechada e de difícil acesso, onde os parentes do indigenista e do jornalista foram descobertos no início desta semana. O material foi enviado para perícia em Brasília para confirmação da identidade. O delegado Guilherme Torres, que também participou da coleta, afirmou: "Foi um crime brutal e hediondo".

Além de Amarildo, também está preso o irmão dele, Osney da Costa de Oliveira, conhecido como 'Dos Santos'. Mas, segundo a Polícia Federal, ele não confessou envolvimento no crime. Sobre a motivação do crime, o superintendente da PF afirmou que as investigações seguem em sigilo e que a não é possível ainda apontar o motivo. No depoimento, Amarildo afirmou que Bruno e Dom foram mortos a tiros, esquartejados, queimados e enterrados em local de difícil acesso, em floresta fechada.

Ele admitiu ter participado do esconderijo dos corpos, mas alega que os recebeu já queimados e negou ter matado a dupla. Segundo ele, o crime teria sido cometido por outra pessoa, cujo nome não foi revelado pela polícia. Segundo a PF, Amarildo disse ainda que uma segunda pessoa o ajudou a esquartejar e a enterrar os corpos.

A polícia encontrou manchas de sangue na lancha de Amarildo e enviou o material para perícia em Manaus para determinar se é humano ou de animal. A PF afirmou que o resultado do exame sairia até o fim da semana. As famílias de Bruno e Dom cederam material genético dos dois para ajudar na perícia. O pescador foi preso em flagrante no dia 7 de maio em Atalaia do Norte, Amarildo é pescador conhecido na região. É casado, mas a polícia ainda não informou se tem filhos. Ele mora em São Gabriel, comunidade que pertence à área rural de Atalaia do Norte. A polícia chegou ao nome dele logo no começo das investigações. Testemunhas informaram à polícia que viram Amarildo ameaçando Bruno e, no dia do desaparecimento, ele estava perse-



Journalist Dom Phillips entre indígenas, em novembro de 2019. Ele escrevia um livro sobre a Amazônia



O superintendente da PF no Amazonas, Alexandre Fontes, disse que a polícia investiga mais de duas pessoas envolvidas no crime

guindo os dois em outra lancha. Em buscas na casa de Amarildo, a Polícia Militar do Amazonas encontrou munição de uso restrito

das Forças Armadas e drogas, o que motivou a prisão. Durante a coletiva, o superintendente da PF se desculpou por

REPERCUSSÃO

“Este desfecho trágico põe um fim à angústia de não saber o paradeiro de Dom e Bruno. Agora podemos levá-los para casa e nos despedir com amor. Hoje, se inicia também nossa jornada em busca por justiça”

Alessandra Sampaio, esposa do jornalista Dom Phillips

“Todas as condições para isso acontecer continuam lá. Bruno e Dom não foram os primeiros, e é terrível, mas eu acho que não serão os últimos”

Alexandre Sarinho, ex-superintendente da Polícia Federal do Amazonas

“Em respeito às vítimas, à Amazônia e à liberdade de imprensa, espero que todos os criminosos envolvidos sejam punidos com o rigor da Lei”

Rodrigo Pacheco, presidente do Senado

não ter mencionado o trabalho dos indígenas e ribeirinhos locais que estiveram presentes nas buscas. Ele acrescentou que, quando havia segurança para eles, sempre estavam presentes na operação. Em nenhum momento a União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univajá) foi citada e não havia nenhum indígena na coletiva. O coordenador da Univajá, Beto Morubá, informou que os indígenas se dedicaram ao afincado às buscas pelos dois desaparecidos.

Exonerado da Funai e ameaçado

O indigenista Bruno da Cunha Araújo Pereira foi exonerado da Fundação Nacional do Índio (Funai) depois de coordenar uma operação que expulsou centenas de garimpeiros da terra indígena Ianomâni, em Roraima. Segundo a União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univajá), na qual Bruno trabalhou depois da exoneração, ele foi demitido do cargo sem qualquer tipo de justificativa interna. Bruno era o responsável pela Coordenação Geral de Indígenas Isolados e de Recente Contato (CGIRC) da Funai até outubro de 2019.

carlo Lopes Dias foi nomeado e ficou apenas nove meses na posição. Depois de ser afastado do cargo, Bruno assumiu uma função na União dos Povos Indígenas do Parque do Javari (Univajá), onde ele seguia fiscalizando a região, que é constantemente invadida por garimpeiros, madeireiros e pescadores, ao lado dos indígenas.

Bruno trabalhava agora em um projeto das ONGs WWF-Brazil e da Univajá para ensinar indígenas a monitorar suas terras com o uso de tecnologias como drones na terra demarcada no Vale do Javari. Era tido como um dos maiores especialistas sobre a região e um dos principais indigenistas do país. Dom Phillips era jornalista e colaborador de diversos jornais no exterior, entre eles o britânico The Guardian. Morava em Salvador há 15 anos e era casado com a brasileira Alessandra Sampaio. Fez diversas viagens para a Amazônia para realizar reportagens sobre



Desde o dia 5, faixas com fotos de Dom Phillips e de Bruno Araújo estão espalhadas pelo Brasil cobrando solução para o caso

desmatamento e crime.

Ele viajou para o extremo oeste da Amazônia acompanhado por Bruno para coletar dados para um livro que escrevia sobre a floresta. Os dois eram amigos e já haviam viajado juntos a Amazônia em outras ocasiões profissionais.

No dia do desaparecimento, 5 de junho, Bruno e Dom estavam a poucos quilômetros do Vale do Javari, que é a segunda maior reserva indígena do Brasil. Eles estavam num barco a mais de 70 quilômetros entre o Lago do Javari e o município de Atalaia do Norte. Na última vez em que foram vistos, estavam na comunidade de São Rafael, às 6h de domingo, onde tinham marcado reunião com o líder pescador Manoel Vitor Sabino da Costa, conhecido como Churrasco

Não podemos deixar de destacar que as perdas da vida de Dom e Bruno estão no contexto de morte da própria Amazônia”

Maurício Velozick, diretor-executivo da ONG WWF-Brazil

“Graças às ações e omissões de um governo comprometido com a economia da destruição, ficamos orfãos de dois grandes defensores da Amazônia e, ao mesmo tempo, reféns do crime organizado que hoje é soberano na região”

Danielly de Aguiar, porta-voz de Amazônia do Greenpeace Brasil

Bolsonaro: “Esse inglês era malvisto”

Brasília - O presidente Jair Bolsonaro comentou ontem novamente o caso do indigenista Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips. “A gente lamenta os desaparecimentos. Um inglês e um brasileiro que sabiam dos perigos da região. Esse inglês era malvisto na região, ele fazia muita matéria contra garimpeiro, a questão ambiental. Então, aquela região que é bastante isolada, muita gente não gostava dele. Ele tinha que ter mais do que redobrado a atenção para consigo próprio”, afirmou Bolsonaro em entrevista ao

canal da jornalista Leda Nagle. Segundo ele, os dois “revolucionaram” a Amazônia completamente insípida, sem segurança e aconteceu o problema”. “A gente não sabe se alguém viu e foi atrás dele, lá tem pirata no rio, tem tudo o que se possa imaginar lá, e é muito temerário andar naquela região sem estar devidamente preparado fisicamente e também com armamento devidamente autorizado pela Funai. Pelo que parece eles não estavam”, destacou.

O chefe do Executivo afirmou que está sendo culpado pelo caso,

mas que, em 2005, quando a irmã Dorothy Stang foi assassinada, o governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) não foi responsabilizado. “Desde o primeiro dia, domingo retrasado, a nossa Marinha estava em campo. Estou me culpando agora por isso. Quando mataram a Dorothy Stang ninguém culpou o governo. Era de esquerda. Mas tudo bem, a gente vai fazer a nossa parte”, reclamou.

Bolsonaro também reforçou que está trabalhando no caso desde quando começaram as notícias sobre o desaparecimento. Desde

o primeiro dia, domingo retrasado, estamos buscando essas pessoas na área, e não estamos tendo sucesso. Apareceram vestígios, pedaços de vísceras de corpo humano. Estão sendo feitos (exames de) DNA aqui em Brasília, estranho terem pego esses caras e levado à margem do rio.”

CONGRESSO No Senado, a Comissão de Direitos Humanos (CDH) aprovou requerimento para que o seu presidente, Humberto Costa (PT-PE), faça diligência no Amazonas. Ainda sem data definida, a previsão é de que a viagem ocorra

entre as próximas terça e quarta-feira. A intenção é que a comissão acompanhe as investigações sobre a morte do indigenista e do jornalista inglês. Na Câmara dos Deputados, foi aprovada a criação de uma comissão externa para acompanhar e definir providências sobre o caso. Os nomes ainda serão definidos. Os pedidos eram feitos há alguns dias por Nilto Tatto (PT-SP) e pela única deputada federal indígena na Casa, Joenia Wapichana (Rede-RR). “O pedido tem. Falta somente o presidente [Arthur Lira] decidir. É bom pressionar”, declarou Joenia ontem.

“O triste desfecho preocupa, pois se soma a uma recente escalada de violência marcada por inadmissíveis ameaças contra indígenas, comunidades tradicionais, lideranças ambientais, cientistas, jornalistas e demais pessoas que trabalham pela proteção e o desenvolvimento sustentável da Amazônia”

Instituto de Pesquisa Ambiental do Ambiente (Ipam)

A morte não calará Bruno e Dom Phillips

O indigenista Bruno Araújo Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips, desaparecidos desde o dia 5 último, foram assassinados, tiveram os corpos queimados e enterrados em um local na terra indígena Vale do Javari, no Oeste do Amazonas. O crime foi confessado pelos irmãos Amarildo da Costa Oliveira, conhecido como Pelado, e Oseney da Costa Oliveira, apelidado de Dos Santos, e preso na terça-feira. Ontem, agentes da Polícia Federal que investigam o caso levaram um dos assassinos para localizar os corpos das vítimas.

O macabro desfecho, após o desaparecimento de Bruno Pereira e Dom Phillips, era esperado. Ambos teriam sido executados por arma de fogo, disparada por um terceiro elemento ainda não identificado, segundo o depoimento de Pelado aos agentes federais. Mas quem teria encomendado o crime? É a indagação que substitui a pergunta feita desde o dia 5, tanto no Brasil quanto no exterior: "Onde estão Bruno e Dom Phillips?".

No primeiro momento, as suspeitas recaem sobre pescadores clandestinos e aliados de narcotraficantes, cujas atividades eram denunciadas por Bruno Pereira. Ele, reconhecido como um dos mais experientes indigenistas dos tempos atuais, lutava, ao lado de líderes indígenas, contra a pesca predatória, o desmatamento e os garimpos ilegais que avançam sobre a terra indígena Javari, que abriga 26 etnias, a maioria delas isolada da convivência com os não índios.

Bruno Pereira estava na mira dos marginais, segundo as ameaças que chegaram a ele e à União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja) por meio de bilhetes. Phillips acompanhava o amigo para colher dados que dariam origem a um livro. Ambos foram vítimas de uma emboscada covarde no Rio Itacoaiá, sem chances de defesa. A segurança da TI Javari, com área de 85 mil quilômetros quadrados (km²) é feita por cinco integrantes da Força Nacional, uma equipe insuficiente para conter quaisquer

ilicitudes e crimes que ali ocorram, entre eles a criação de rotas para o tráfico de drogas e contrabando de armas, sejam brasileiros, sejam dos países vizinhos Peru e Colômbia.

A fragilidade da vigilância e da segurança são indiscutíveis, sobretudo quando a maioria da população é formada por indivíduos isolados, sem qualquer domínio do comportamento ou dos códigos sociais dos "brancos", como ocorre no Vale do Javari e se estende por outras terras ocupadas pelos povos originários.

Há muito, os territórios indígenas são invadidos por madeireiros, garimpeiros, pescadores e caçadores ilegais que envenenam os rios, contaminam os alimentos e disseminam doenças. Estupram crianças, adolescentes e mulheres, matam homens e jovens. As investigações, em sua maioria, não levam aos vilipendidos das vidas dos povos originários.

As ações do poder público e dos órgãos responsáveis são ineficazes para conter o morticínio que ocorre nessas áreas. Além da ineficiência, as políticas públicas em curso mais estimulam a violência do que protegem os povos originários e tradicionais do país. Partem do Executivo propostas que incentivam a mineração, a redução das reservas e a não punição dos predadores do patrimônio natural.

Impõem-se ao governo a revisão de suas decisões e uma correção de rumo das políticas ante a deterioração da imagem do Brasil entre as demais nações e que o consagra incapaz de conter as agressões contra os povos originários e tradicionais, ambientalistas e ativistas dos direitos humanos. O verdadeiro Estado democrático de direito não se insurge contra os ditames constitucionais nem compactua com a impunidade. As vozes de Bruno e Phillips continuarão ecoando.

Impõem-se ao governo a revisão de suas decisões e uma correção de rumo das políticas ante a deterioração da imagem do Brasil entre as demais nações

FRASE

“

Se eu contar uma mentira para você agora, você acredita se quiser. Ou, se você não gostar, você nunca mais fala comigo, você nunca mais entra na minha página

■ **Jair Bolsonaro**, presidente da República, que voltou a criticar o relator do inquérito das fake news no Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Alexandre de Moraes

”

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Nacional **Página:** 5